

# | 1072 | O PAPEL DOS QUINTAIS NO ESPAÇO URBANO AMAZÔNICO

*Maria Goreti Costa Arapiraca da Silva, Helena Lúcia Zagury Tourinho*

## **Resumo**

Discute os quintais urbanos enquanto espaços privados das habitações e no contexto urbano de cidades amazônicas. Dada a escassez de registros históricos e acadêmicos sobre os mesmos, procura resgatar referências sobre os quintais urbanos amazônicos na arte literária regional e em reportagens jornalísticas. Sugere que, nas cidades amazônicas, os quintais refletem uma visão de valorização da natureza, além de serem elementos de identidade social. Conclui que, apesar de para os agentes produtores do espaço urbano os quintais representam espaço de valorização econômica, como espaço privado das habitações, proporcionam melhor qualidade de vida para as famílias que deles usufruem, e, na perspectiva do interesse coletivo, podem ser considerados como áreas de conservação do meio ambiente urbano, contribuindo para a sustentabilidade ambiental das cidades.

**Palavras-chaves:** Quintal; Habitação; Meio ambiente urbano.

## **Introdução**

O observador atento, no despertar de cada dia, olha a paisagem da cidade. Uma árvore já não é uma árvore; um jardim já não é um jardim; um quintal já não é um quintal; uma casa já não é uma casa; uma rua já não é uma rua. A paisagem mudou: a árvore é uma placa de trânsito; o jardim é um estacionamento; o quintal é uma oficina; a casa é um edifício; e, a rua é um viaduto. De uma forma simbólica essa é a paisagem urbana das médias e grandes cidades do Brasil, onde o desenvolvimento urbano sem planejamento desqualifica o espaço e retira parques, jardins públicos e áreas verdes, considerados importantes na qualidade de vida dos habitantes. E os quintais urbanos? Cedem lugar a garagens, a outros ambientes da casa ou a outros fins.

Do ponto de vista econômico, os quintais urbanos - áreas verdes particulares consideradas "marginais" (Lamas, 2005, p.3) - são vistos como reserva de patrimônio e especulação imobiliária. A literatura regional amazônica, não obstante, revela a existência dessas áreas, cercadas por varas e estacas de madeira, servindo para inúmeras atividades do cotidiano e da interação das famílias, abrigando desde espaços de festas até aqueles destinados à complementação da alimentação dos moradores, como pomares, hortas, locais de criação de galinhas, patos e porcos.

Numa circunstância em que, nas metrópoles regionais e nas grandes cidades, se torna cada vez mais raro encontrar moradias que ainda dispõem desses espaços, o presente estudo

objetiva registrar o papel dos quintais no cotidiano e no ordenamento territorial urbano das cidades amazônicas.

Para isso, a metodologia usada consistiu na pesquisa em fontes de cunho artístico literário regional, assim como de cunho jornalístico, tendo como pano de fundo uma perspectiva geográfica e ambiental. Esta forma de abordagem se justifica pela inexistência de estudos científicos sobre a temática.

O artigo inicialmente trabalha o conceito de quintal como espaço privado das habitações, e depois, analisa o papel dos quintais urbanos no que diz respeito ao seu caráter social, cultural na perspectiva de interesse coletivo.

Os quintais podem representar espaço verde, de lazer, de práticas de produção de alimentos para o consumo das famílias e, numa outra hipótese, se constituir de mercadoria valorosa na esteira do sistema capitalista de apropriação do espaço urbano. Ao identificar essas possibilidades espera-se contribuir, de alguma forma, na construção de uma alternativa para a valorização dessa área em prol da qualidade de vida da população das grandes e médias cidades.

### **Os quintais urbanos nas moradias populares**

As referências sobre quintais, como parte de moradias populares na virada do século XIX para o XX na Amazônia, podem ser encontradas em obras e romances regionais, pois a arte literária documentou e deu evidência à existência dos mesmos. Os quintais no contexto urbano das vilas e cidades da Amazônia representam parte do passado e do presente de seus moradores, especialmente porque o amazônida é culturalmente ligado à natureza. Sua vivência, em grande parte de descendência indígena ou cabocla, está ligada à floresta, aos rios e igarapés. A base dessa premissa está na poesia e nos romances de poetas e escritores regionais. Nesse sentido, vale registrar a contribuição de Loureiro,

A cultura amazônica onde predomina a motivação de origem rural-ribeirinha é aquela na qual melhor se expressa, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos etc. (Loureiro, 1994, p.56)

Vicentini ao tratar das cidades da Amazônia e de sua população, destaca a convivência da tradição com a modernidade, ressaltando como a tradição de convivência com a natureza se transpõe para a cidade (Vicentini, 1994, p.87).

A força da resistência da população às suas tradições e aos seus modos de vida estende às cidades da Amazônia um caráter peculiar, um misto de modernidade assimilada a uma permanência, que percorre o mundo do trabalho e o mundo mítico, onde o imaginário sobre a natureza está fortemente presente.

Assim sendo, a vida cotidiana e o espaço das moradias urbanas amazônicas, não raras vezes abriga o cenário e os costumes amazônicos arraigados no *modus vivendi* rural ou das florestas. Para Loureiro (Loureiro, 1994, p.55), “é preciso entender que a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana”.

As narrativas de escritores amazônidas documentam as características das moradias regionais nas cidades. Dentre eles dois trazem valiosas informações sobre os quintais urbanos: Inglês de Sousa, no romance “O Coronel Sangrado”, passado na Cidade de Óbidos, em 1870, na região do Baixo Amazonas; e, Dalcídio Jurandir, no livro Belém do Grão Pará, ambientado em 1909, na cidade de Belém.

A habitação do tenente-coronel Vitorino Paiva, o *Coronel Sangrado*, protagonista do romance de Inglês de Sousa, foi assim descrita,

Era uma grande casa, com duas grandes salas de frente, separadas por um corredor largo, as espaçosas alcovas e a imensa varanda ou casa de jantar, aberta para o quintal [...]. O puxado, em que ficavam a despensa e a cozinha, o quintal inculto e desprezado, prolongando-se até grande distância pelo largo adentro. (Sousa, 2003, p. 47).

O quintal da casa do coronel Sangrado não era murado, mas simplesmente cercado de varas e em parte de estacas. Em alguns lugares, arrancadas por algum vizinho larápico, davam livre passagem para os animais vagabundos das ruas, e porventura, a algum vizinho noturno mal intencionado. Isto, porém, não impedia o coronel de deixar a cerca sempre no mesmo estado, e de fechar com precaução todas as noites o portão do quintal (Sousa, 2003, p.48).

A sala de visitas estava arrumada com gosto, um grande pedaço do quintal carpido e um curumim impedia com um galho de limoeiro que as galinhas e patos invadissem a varanda. (Sousa, 2003, p.49).

Em outras cenas do romance, Inglês de Sousa detalha o quintal como parte das moradias e vida da região,

É preciso mostrar para essa gente que Óbidos não é Juruti nem Anderá, que é uma cidade civilizada. O que querem dizer porcos pelo meio da rua, perturbando a higiene pública e a saúde da população? Pois lá tem cabimento disso! Então a rua, por ser da nação, há de servir de quintal de criar galinhas? (Sousa, 2003, p.161).

Eram sete da noite. Miguel despedira-se. Mariquinha desceu ao quintal, acompanhada de sua mucama, e dirigiu-se com passos incertos para o portão do quintal. O portão estava fechado, mas junto dele várias estacas davam larga passagem (Sousa, 2003, p. 168).

Às oito horas da noite foram apressadamente dizer que o Martinho, na ocasião em que se abria a porta do quintal para o serviço de votantes, galgara o muro com a ligeireza de um curumim... (Sousa, 2003, p.176).

Saiu da janela, à hora do jantar, às seis horas. A casa tinha um ar triste, causado pela aproximação das sombras da noite, a custo de demoradas pelos enfraquecidos raios do sol no poente. Nas árvores do quintal cantavam melancolicamente as cigarras. (Sousa, 2003, p.204).

Prosseguindo com seu relato, Inglês de Sousa assinala que o quintal cercado por varas ou estacas de madeira, dava à impressão de ser o prolongamento da habitação. Alguns dispunham de portão, para que não se tornassem passagem de “vagabundos” e animais, como forma de demarcar os limites do espaço privado, e ao mesmo tempo, que serviam também como lugar de criação de animais domésticos e pomar. No quadro descrito pelo escritor, em determinados momentos o quintal é entendido como uma área desprezada ou “inculta” e, em outros deixa a impressão de tratar-se de algo precioso, a ser devidamente “cuidado”, face ao perigo de violação.

Na construção de Dalcídio Jurandir o quintal das moradias urbanas foi assim descrito:

O abacateiro entanguido, a velha goiabeira e as varas de secar roupa enchiam o quintal escasso e atolado nas baixas do fundo (Jurandir, 2004, p.45).

Um “papagaio” tombou no abacateirinho do quintal. Vinha das baixas um bulício de crianças, picado de risos e gritos. (Jurandir, 2004, p.49).

Esticava o beijo para a goiabeira no fundo do quintal. (Jurandir, 2004, p.54).

Alfredo olhou para o quintal, onde imaginava extraordinários acontecimentos à noite (Jurandir, 2004, p. 149).

No quintal, as frutas apodreciam ou algumas caindo na rua, já podres, serviam de bolas para as crianças. O quarteirão vivia cheirando de goiaba, manga, abacate, sapotilha. [...] Estava em suas mãos o passarinho. Voara tão baixo, que as sentinelas o alcançaram. Quietinho ainda. Enfiava o dedo pelas penas. Seria melhor atirá-lo para dentro do quintal (Jurandir, 2004, p.150).

Jurandir de forma natural, continua,

Mas Alfredo rasgou a carta com ostensiva paciência, devagar e aos bocadinhos, lançando-os nos fundos do quintal. (Jurandir, 2004, p.172).

Levou Alfredo para ver o pé de tajá naquele quintalório em que mal cabia o banheiro, a tina de lavar, a corda de roupa e as panelas de plantas. (Jurandir, 2004, p.187).

Para Alfredo, Libânia parecia mudar. Em quê, não sabia bem. Eram mudanças súbitas, misteriosas. Ora no modo de falar, numa repentina raiva, no resmungar lá no fundo do quintal (Jurandir, 2004, p.205).

Libânia enterrou o bicho no fundo do quintal (Jurandir, 2004, p.265).

Alfredo desceu para os fundos; o quintal que nem um dia, de enluarado (Jurandir, 2004, p. 271).

Fechou a janela, correu a casa, o quintal. (Jurandir, 2004, p. 447).

Levantava a cabeça da rede e via: o trapo, o lixo em que vinha o homem, recendendo bebida por toda a casa, as tosses e os resmungos e gritos do fundo do quintal contra os galos, os cachorros, o leitão espantado, em meio aos jabutis adormecidos (Jurandir, 2004, p. 474).

No quintal, olhou o cacto, um jamaracaru que abria dentro dela as suas duras folhas (Jurandir, 2004, p. 507).

Conforme o exposto por Dalcídio, o quintal ou “quintalório” como o denominava o romancista, era espaço privado das habitações, fossem chalés, sobrados ou qualquer tipo de moradia da época, e uma espécie de refúgio natural que as circundava e, ao mesmo tempo, as protegia, pois ficavam à “ilharga” e no fundo da casa, cercados por estacas de madeira. Podiam ser extensas ou pequenas áreas nos fundos das moradias; alguns sujeitos à inundação e ao alagamento, em parte, pelo “chuvaral que cobria o quintal”, característica do clima da região amazônica.

O quintal era o lugar: da “tina de lavar roupa”; das cordas de estender roupas para secar; do “tendal”, onde as roupas eram estendidas para que o sol tirasse as sujeiras; da “sentina”, denominação dada para uma espécie de vaso sanitário; do poço, nas moradias onde não era utilizada a água das fontes públicas. É interessante recorrer ao caso de Belém, exposto por Cancela, para servir como exemplo da realidade da época. Afirma que os poços privados localizados nos quintais das casas e os poços públicos de uso comum, abertos em algumas localidades, como a Estrada de São Brás, eram, para muitos moradores de Belém, a única forma de abastecimento de água (Cancela, 2008, p.84). Além disso, compreendia o quintal um pomar, onde cresciam árvores que davam frutos: o abacateiro, a goiabeira, a mangueira, a sapotilheira, o açaizeiro e outros tipos de árvores frutíferas da região. Servia também, de

“criatório” de jabutis, porcos, galos e galinhas, animais estes destinados à alimentação em dias de festejos das pessoas da terra tais como, batizados, casamentos e “festas de santos”.

Não é de interesse do estudo, observar detalhadamente a forma peculiar das narrativas dos dois escritores, pois ambos produzem suas elaborações numa perspectiva de precisão da experiência de vida amazônica. Entretanto, vale ressaltar que há neles a identificação idílica com a natureza e o respeito pela vida tradicional da forma do habitar das populações regionais da Amazônia.

### **Os quintais urbanos como espaço privado**

Embora a descrição dada pelos dois conhecidos romancistas acerca das moradias com os seus quintais, seja do final do século XIX e início do século XX, naturalmente que essa representatividade permaneceu em algumas moradias regionais. Percebe-se pelo caminhar por entre as ruas das cidades, num olhar por trás e por cima dos telhados de algumas casas, que ainda restam grandes e pequenos espaços, com árvores frutíferas: mangueiras, açazeiros, abacateiros e, espaços de criar animais domésticos. Neste sentido, vale lembrar Santos ao afirmar que:

O momento passado está morto como o tempo, não, porém como espaço; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (Santos, 2009, p.14)

No entanto, nesse mesmo caminhar, verifica-se que, em algumas habitações, essas áreas desapareceram na paisagem citadina. Mudaram as cidades, ou mudaram as pessoas? Ou ambas as partes mudaram?

Rolnik sugere, “prestar muita atenção no seu caminhar diário, desconfiando de tudo que pareça ser apenas um cenário de rotina”. E, de alguma maneira, no centro das dificuldades e problemas daí decorrentes, eis que, paradoxalmente, o homem vê-se diante da necessidade de refletir sobre seu *modus vivendi* presente a partir de lições colhidas na forma pretérita de viver (Rolnik, 1995, p.86).

Pensar os quintais como parte da transformação do contexto urbano é tarefa recente de geógrafos, cientistas ambientais e arquitetos, considerando que se constitui parte do espaço

privado das habitações, que requer análises sociais, culturais, ambientais e econômicas. Como reconhece Oliveira,

Na atualidade, é cada vez mais patente a falta de conhecimento a respeito das tradições herdadas. Nas cidades brasileiras, os espaços abertos, sobretudo os de caráter privado, têm sido tratados como anexos de edificações, sobras de terra que não foram desmembradas e ocupadas, como intervenções descoladas de um contexto cultural ou ainda como se fossem meros panos de fundo (Oliveira, 2006, p.16)

Conforme explicitado, o quintal no século XIX e XX como espaço privado, tinha os seus limites delimitados com varas ou estacas de madeira, para resguardar o patrimônio, pois poderia estar sujeito à violação, por “vagabundos”. O material usado naquele período, para proteger o espaço, sem dúvida apresenta visível fragilidade ao se comparar com os “perigos” dos dias atuais, enquanto risco de depredação, dentre outros danos. No século XXI, mudaram as formas de demarcação deste espaço privado; agora são áreas definidas por muros de alvenaria, como uma maneira de defesa da propriedade no território da cidade.

Os quintais são partes da história das habitações mais refinadas ou das moradias modestas das cidades amazônicas, que podem, sem dúvida, ter múltiplos significados e consubstanciar a qualidade de vida de interesse coletivo, tanto nas grandes, como nas médias e pequenas cidades da região. Como ressalta Carlos,

Se o ponto de partida é o espaço privado, revelando-se através do habitar que é real e concreto, ele também se abre, inexoravelmente, em direção ao público, ao coletivo como lugar da prática cotidiana que descreve e dá conteúdo à vida na cidade, ligando lugares e pessoas (Carlos, 2011, p.130).

O conceito de espaço privado, no que diz respeito aos quintais urbanos, requer uma análise tanto de caráter social, cultural quanto de caráter físico. É nessa vertente que se quer considerar a questão da análise a seguir.

### **Os quintais no espaço urbano contemporâneo**

As cidades já não apresentam as mesmas estruturas urbanas do passado. Seus crescimentos vêm exigindo a reestruturação do espaço urbano, e, nesse processo de modernização dos ambientes urbanos, as habitações modificaram-se. Dos sobrados, palacetes e chalés dos séculos passados, de descendência portuguesa, patrimônio histórico e cultural para usufruto e preservação, novos tipos se apresentam no território urbano das cidades amazônicas.

Que papel exercem os quintais urbanos enquanto “lugar contíguo” às habitações nas cidades contemporâneas? É deste ponto que, propõe-se a analisar o papel dos quintais tomando como referência a reportagem de O Liberal, jornal de circulação diária na capital e interior do Estado do Pará, cuja matéria “Quintais particulares são raridades na capital”, trata especificamente da diminuição acentuada dos quintais em Belém.

Se oferecessem R\$ 10 milhões – quatro a mais do que o Clube do Remo pretendia captar com a venda do Carrossel -, Raquel Bastos não venderia o terreno em que mora, encravado no meio do bairro do Marco, a poucas quadras do espaço remista. Ofertas não faltam pela extensa área arborizada que abriga uma dezena de árvores frutíferas e se transformou em refúgio pra toda a família. “Sempre aparece gente querendo saber se eu quero vender. Mas a resposta é a mesma. Não tem conversa. Enquanto eu estiver viva, é não”, diz Raquel.

Os filhos dela, de 37 e 31 anos, também batem o pé quando o assunto é se desfazer do imóvel. O quintal que a família preservou escapando do assédio de corretores de imóveis pouco a pouco se transforma em exceção na paisagem urbana de Belém. A capital paraense está perdendo o costume de preservar áreas verdes dentro das casas.

O tema ganhou destaque na última semana durante audiência pública sobre o Plano Municipal de Arborização de Belém (PMAB) no Ministério Público Estadual. O desaparecimento dos quintais, não abrangidos pela legislação que está sendo construída pelo Ministério Público e pela Secretaria Municipal de Urbanismo, preocupam pesquisadores e técnicos ligados à preservação ambiental em áreas urbanas.

O pesquisador Camillo Vianna, pioneiro na defesa das cidades arborizadas, cultiva na casa onde mora a tradição do quintal. Ele mesmo plantou as espécimes que hoje rendem sombra e conforto térmico nos horários mais quentes do dia. “Eu cresci em uma casa com quintal, na praça da Bandeira. Agora, na minha casa, eu faço questão de manter o quintal”, prega um Camillo que, aos 84 anos de vida, afirma que Belém está sofrendo “um surto” de edifícios.

Maria de Belém Cavalcante Mamede, 67, moradora do bairro do Jurunas, pensou em construir apartamentos na área que mantém nos fundos da casa. “A ideia era do meu cunhado, fazer quitinetes para alugar, mas a gente acabou deixando de lado. O máximo que a gente vai fazer agora é uma churrasqueira pra passar o fim de semana aqui”, conta a dona-de-casa, sob a sombra de uma frondosa mangueira que ameniza a temperatura da manhã de ontem e quase esconde o prédio residencial construído imediatamente ao lado. (Jornal, O Liberal, 23 de Novembro de 2010).



A partir da análise jornalística acima, pode-se aferir que, algumas moradias ainda dispõem de quintais urbanos, denominados pela reportagem de “quintais particulares”, na sua forma original, ou seja, extensa área ao lado e fundo das mesmas contendo plantas, árvores de arborização e frutíferas, mesmo numa metrópole como Belém.

O que leva algumas famílias a preservarem essas áreas? Segundo um entrevistado, o quintal é o “refúgio para a família”, refúgio esse percebido como lazer, descanso, reunião familiar, e de possibilitar conforto térmico para os moradores. Isto pode estar relacionado à situação de que o habitante da cidade quase não dispõe de áreas verdes públicas. Segundo dados de 2000 da Prefeitura Municipal de Belém, obtidos pelo IMAZON (Paranaguá et al., 2003, p.14),

Na cidade, surpreendentemente, as áreas verdes públicas, em geral, não estão disponíveis para a população – com exceção do Bosque Rodrigues Alves (15 hectares) e do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi (05 hectares), as quais o público tem acesso. Nas Unidades de Proteção Ambiental (20% do território da zona metropolitana), o acesso é difícil e oferece pouca segurança.

Afirma ainda que,

No município de Belém, as áreas verdes remanescentes estão situadas nas ilhas e em áreas continentais restritas, tais como terrenos militares, instituições públicas de ensino e pesquisa (EMBRAPA, MPEG, UFPA E UFRA) e unidades de conservação. Na porção continental, onde residem 97% da população do Município, as áreas verdes correspondem a aproximadamente 30 m por habitante. Para efeito de comparação, Curitiba, apresenta aproximadamente 48 m por habitante. (Paranaguá et. al., p. 40).

Outro motivo mencionado por um entrevistado quanto ao “cuidar” e preservar esse espaço, seria a tradição dos quintais como parte das habitações, entendida com herança familiar. Seria a tradição das famílias de ter uma área onde a natureza é recriada para a contemplação e o bem estar.

Harvey analisando os espaços e tempos individuais, na vida social questiona,

O Ser, inundado pela lembrança espacial imemorial, transcende o Vir-a-Ser; ele encontra todas as memórias nostálgicas de um mundo de infância perdida. Será esse o fundamento da memória coletiva, de todas as manifestações de nostalgias dependentes de lugar que infectam nossas imagens do país e da cidade, de região, de ambiente e de localidade, de vizinhança e de comunidade? (Harvey, 2012, p.201)

No relato dos habitantes, o tempo, trazendo consigo a modernidade através do “surto” de edifícios cada vez mais altos, tanto nos bairros considerados nobres, como naqueles denominados populares, ainda não apagou o costume da vivência em família em Belém e do contato com a natureza. É assim que está presente nos costumes da cidade, ter no interior das moradias o “verde” como parte integrante da vida. Essa identificação vivida é significada por Carlos,

O espaço do habitar é, portanto, real e concreto, é aquele dos gestos do corpo, que constrói a memória, porque cria identidades, reconhecimentos, pois a vida se realiza criando, delimitando e exibindo a dimensão do uso. Encerra a presença e o vivido (Carlos, 2011, p.56).

É necessário considerar, também, a contribuição dos quintais ao melhoramento climático, referenciada na reportagem do jornal quando assinala que “as espécimes que hoje rendem sombra e conforto térmico nos horários mais quentes do dia”; “sob a sombra de uma frondosa mangueira que ameniza a temperatura da manhã”. Alguns moradores entrevistados manifestam, indubitavelmente, a preocupação sobre a realidade climática da cidade, especialmente quanto ao nítido aumento da temperatura, e vêm no quintal uma forma de contribuir para a obtenção de um ambiente agradável nos seus espaços privados, procedimento que pode, evidentemente, se refletir positivamente na cidade como um todo.

O outro ponto a analisar, no que diz respeito ao quintal no contexto urbano da cidade, é a dificuldade de mantê-los face à pressão de agentes imobiliários. Isso aparece claramente na resposta da entrevistada, que diz: “sempre aparece gente querendo saber se eu quero vender. Mas a resposta é a mesma. Não tem conversa”.

Como mostra Corrêa,

Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais (Corrêa, 1995, p.1).

Não raro é encontrar membros de algumas famílias que – na esteira da lógica capitalista – enxergam os quintais como espaço de reserva de patrimônio, ou seja, reserva fundiária. Para Rolnik,

alguns terrenos vazios e algumas localizações são retidas pelos proprietários, na expectativa de valorizações futuras, que se dão

através da captura do investimento em infraestrutura, equipamentos ou grandes obras na região ou nas vizinhanças (Rolnik, 1995, p.64).

Especialmente em cidades onde o valor de mercado dos terrenos ou de residências é alto, algumas famílias lançam mão do espaço dos quintais para a construção das moradias dos filhos, quando não constroem uma “puxada” onde os filhos casados vão se abrigando junto às famílias. Outra forma singular de uso do espaço dos quintais é a construção de casas e apartamentos para alugar em busca de renda extra. Tal procedimento aparece na declaração de uma entrevistada quando diz que, “a ideia era do meu cunhado, fazer quitinetes para alugar”. O resultado concreto é que, em grande medida, na dinâmica do tão prolapado desenvolvimento urbano, muitos quintais foram “tomados”, quer pela especulação imobiliária, quer pela necessidade de prover com moradias parte da família que não consegue acessar ao mercado formal de terras, ou ainda como parte de complementação dos rendimentos familiares. Santos faz lembrar que:

O espaço [...] tornou-se a mercadoria universal por excelência. Como todas as frações do território são marcadas, doravante, por uma potencialidade cuja definição não se pode encontrar senão a *posteriori*, o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto (Santos, 1998, p.30).

À medida que as cidades crescem, que se intensificam o uso e a ocupação do solo urbano através da construção de empreendimentos imobiliários verticalizados, os quintais, via de regra, se tornam áreas que se constituem em mercadoria valiosa, incorporando crescente valorização imobiliária. Na expressão de Santos, “em nossos dias o espaço é apropriado ou, ao menos, comandado, segundo leis mundiais” (Santos, 2009, p.86). São as leis do capitalismo, que avançam em direção aos espaços privados naturais tradicionais das residências das cidades amazônicas.

Por outro lado, raciocinando numa perspectiva de contribuições do espaço privado para a coletividade, estudos e possíveis novas leis ambientais, indicam que os quintais urbanos podem ser aproveitados como áreas inseridas na cobertura vegetal da cidade.

Trata-se de algo factível, considerando que, em muitos quintais, ainda é possível se encontrar resíduos de vegetação secundária antiga, mesmo diante da evidência do desmatamento, também lamentavelmente corriqueiro nos espaços urbanos da Amazônia. Dados do IMAZON (Paranaguá et al., 2003, p.38) apontam que, em 1986, a área verde da Grande Belém

representava 50% do território (588 Km<sup>2</sup>). Essa área foi reduzida para 34% (434 Km<sup>2</sup>) em 2001. Ou seja, no período de 15 anos o desmatamento médio anual na região metropolitana foi de 1,12%.

As autoridades e instituições públicas podem ser sensibilizadas e cobradas sobre a necessidade desse espaço na cidade. Nesse sentido recorre-se a Sá,

O poder público torna-se, assim, responsável por garantir a existência de espaços de negociação onde os interesses privados sejam contrapostos aos interesses ecológicos, de modo que a sociedade possa criar regras ambientais realmente eficazes e eficientes (Sá et al., 2003, p.92).

Pela reportagem analisada, algumas autoridades municipais, através de Secretaria de Municipal de Urbanismo e o Ministério Público, mostram-se sensibilizadas para o problema do desaparecimento dos quintais no espaço urbano e conscientes de que estas áreas precisam ser incluídas na legislação municipal. Isto implica o reconhecimento do poder público e da sociedade sobre o valor dessa área na sustentabilidade das cidades. Conforme Harvey,

Nas práticas espaciais e temporais de toda a sociedade são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação das relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer generalização do seu uso. (Harvey, 2012, p. 201).

É possível “generalizar” como Harvey afirma acima, o papel dos quintais como parte natural e legal das moradias no espaço urbano, através do movimento dos próprios atores sociais desses espaços. Isso, quem sabe, pode mantê-los tradicionalmente na mesma moradia, sem o perigo de expulsão pelo capital imobiliário.

## **Conclusão**

A população das cidades em geral e da Amazônia, em particular, tem necessidade de áreas verdes, jardins e parques públicos. Entretanto, verifica-se a escassez desses espaços no meio urbano. No passado isso não era tão relevante, pois as famílias contavam com áreas “verdes” tradicionais em suas moradias, denominadas popularmente de quintais. Com o crescimento das cidades, e a valorização imobiliária, essas áreas foram se tornando raridade na paisagem urbana, para servir, dentre outras coisas, de locais de residências para os filhos, de construção apartamentos para alugar ou então, para abrigar prédios verticalizados.

Algumas famílias ainda dispõem dessas áreas, reconhecendo-as como lugares de valores sociais, culturais e ambientais. Entendem que o quintal é lugar de refúgio, lazer, conforto térmico, tradição, cultura e interação familiar. A identificação dos quintais com uma possibilidade de contato com a natureza é confirmada na narrativa dos escritores regionalistas do passado e nos relatos do presente na imprensa. Não parece ser, portanto, absurdo considerar-se a possibilidade de incluir os quintais como áreas urbanas de interesse ambiental, capazes de conciliar melhoria da qualidade de vida privada e proteção do meio ambiente coletivo urbano.

## **Referências**

- Cancela, C. D. 2008. Uma Cidade... Muitas Cidades: Belém na Economia da Borracha, Belém, EDUFPA.
- Carlos, A. F. A. 2001. A Condição Espacial, São Paulo, Contexto.
- Corrêa, R. L. 1995. O Espaço Urbano, São Paulo, Ática, Série Princípios.
- Harvey, D. 1992. Condição Pós-Moderna, São Paulo, Edições Loyola.
- Jornal, O Liberal. Belém: 23 de Novembro de 2010.
- Jurandir, D. 2004. Belém do Grão Pará, Belém: EDUFPA.
- Lamas, J. M. R. G. 1993. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade de Lisboa, Fundação Calustre Grubenkian, Junta Nacional de Investigação Científica.
- Loureiro, J. J. P. 1995. Cultura Amazônica Uma Poética do Imaginário, Belém, Cejup.
- Oliveira, M. A. 2006. Jardins Coloniais brasileiros, lugares do útil ao agradável, Minas Gerais, Instituto Estadual de Florestas.
- Paranaguá, Patrícia... [et al]. 2003. Belém Sustentável, Belém, Imazon.
- Rolnik, R. 1995. O que é cidade, São Paulo, Brasiliense.
- Sá, L. M., Makiuchi, M. F. R. 2003. Cidade e Natureza: tecendo redes no processo de gestão ambiental, Brasília, UNB, p. 89-113.

Santos, M. 2009. *Pensando o Espaço do Homem*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

Sousa, Inglês. 2003. *O Coronel Sangrado (Cenas da Vida do Amazonas)*, Belém, EDUFPA.

Vicentini, Y. 1994. *Cidade e História na Amazônia*, São Paulo, USP.